

Mais de três mil casas estão abandonadas na Serra

Romero Mendonça

O loteamento Marajá está abandonado desde 1982, quando foi decretada a falência da construtora que iniciou suas obras

Um pedido de falência decretado há dez anos pela construtora Marajá, responsável pela edificação de 3.310 unidades habitacionais no município da Serra, está impedindo que a Companhia Habitacional do Espírito Santo (Cohab) termine o projeto de construção das casas e do saneamento básico.

O abandono das casas, que ficam a 25 quilômetros de Vitória, fez com que a população as invadisse, mesmo sem contar com água, luz, comércio e tendo que pegar ônibus a uns quilômetros da região. As casas construídas são de três cômodos e hoje muitas já não têm mais telhado, nem portas e janelas, pois foram depredadas.

Ana Zilda Felício Mendes, que há sete anos invadiu uma das casas e divide os três cômodos com o marido, que trabalha como joalheiro, e três filhos, disse que foi morar no local porque "não tinha para onde ir".

Os poucos moradores da "cidade abandonada" recebem uma vez por semana a visita de um caminhão pipa da Prefeitura da Serra. "Quando a água acaba, somos obrigados a ir buscar em um poço que fica a um quilômetro", disse a moradora Valdete Oliveira, que também invadiu uma das casas.

JUSTIÇA

O loteamento Marajá ou Planalto Serrano teve início em 1980, quando a construtora Marajá, do Estado



Mesmo incompletas algumas casas foram tomadas por invasores

do Rio de Janeiro, recebeu um financiamento do Sistema Financeiro de Habitação, para depois de concluído o projeto entregar à Cohab, que seria a responsável pelas vendas.

Em 1982 a construtora decretou falência e abandonou as obras. Nessa época já tinham sido construídas as casas, com telhado, portas e janelas, que ficaram totalmente abandonadas. O processo com o pedido de falência da construtora está na 7ª Vara de Falência do Rio de Janeiro, esperando ser julgado há dez anos.

Enquanto o processo não for julgado, ninguém pode intervir na área, informou o diretor-presidente da Cohab, Esdras Nunes. Segundo ele, a Cohab tem interesse em terminar as obras e chegou a enviar, no final do ano passado, um pedido ao presiden-

te da República para providenciar a desapropriação e repassar o projeto para a Cohab: "Mas não obtivemos nenhuma resposta".

Com um déficit habitacional de 160 mil unidades na Grande Vitória, as obras inacabadas como o conjunto Villagê de Camburi, com 520 apartamentos, e o Maison du Soleil, com 72, ambos situados em Jardim Camburi, além do loteamento Marajá são a opção de quem não tem onde morar.

Muitas invasões são até incentivadas por políticos, como aconteceu no último sábado pela manhã, quando um candidato a vereador levou dois ônibus cheios até o loteamento Marajá para as pessoas invadirem as casas. Ele alegou que se forem invadidas todas as casas, os órgãos públicos farão a urbanização do local.

Ameaça de explosão deixa moradores apavorados

Uma ameaça de explosão nas instalações de gás do edifício Castelamare, situado na avenida César Hilal, no último domingo à tarde, assustou os moradores dos 114 apartamentos do prédio. Eram aproximadamente 15 horas quando alguns moradores começaram a sentir o cheiro de gás, que chegou até o 17º andar.

Assustados, eles comunicaram o fato à subsíndica Denise Rodrigues Martins, que chamou o Corpo de Bombeiros e desligou a chave central da tubulação, que liga os 24 cilindros de 45 quilos cada a todos os apartamentos do edifício. Além dos 24 cilindros, outros ficam na garagem no edifício como reserva.

Uma das primeiras pessoas a sentir o cheiro de gás foi a moradora do 13º andar do edifício Heloír Tatagiba Mendes Ferreira. Ela contou que ficou com receio, mas que se tranquilizou logo que as providências foram tomadas e a chave da central da tubulação foi desligada.

Sem gás desde domingo, os moradores do prédio, que pagam pelo condomínio Cr\$ 375 mil, têm recorrido ao forno de microondas, à aquisição de botijas de gás e almoçado fora, segundo Heloír Tatagiba.

O chefe do Centro de Atividades

Técnicas (ACT), major Elvio Rebouças, disse que esse tipo de acidente pode ocorrer devido à falta de manutenção das tubulações. De acordo com ele, o Corpo de Bombeiros chega a receber quatro chamadas por mês para atender ameaças de incêndio em edifícios.

CORROSÃO

A empresa distribuidora de gás do Edifício Castelamare, a Heliogás, explicou que houve uma infiltração de água na tubulação que transporta o gás para os apartamentos, causando uma corrosão que acabou por provocar o vazamento no último domingo.

De acordo com a empresa, isso ocorreu porque não há como fazer uma manutenção periódica na tubulação, já que é subterrânea, além de ter um revestimento em cimento. A empresa informou ainda que, ao assumir o trabalho no edifício, a instalação da tubulação já havia sido feita. A instalação foi feita em 1979, mas não foi informado qual a empresa responsável na época.

A Heliogás contratou ontem uma outra firma, a Hidraugás, para instalar uma nova tubulação no edifício. Será feita uma tubulação do tipo aérea. "Esse tipo de tubo vai permitir

O que fazer quando há ameaça de vazamento de gás

- Não ligar lâmpadas, acender fósforos ou cigarros no local;
- Abrir janelas e portas;
- No caso de edifícios onde há risco de vazamento da tubulação que envia o gás para todos os apartamentos, desligar imediatamente a chave central da tubulação;
- No caso de botijas de 13 quilos verificar na hora de atarraxar a mangueira da botija se não há vazamento. Sempre que sair de casa, desligar o botijão;
- Entrar em contato com o Corpo de Bombeiros.

Fonte: Centro de Atividades Técnicas do Corpo de Bombeiros

que seja feita uma manutenção periódica", explicou um técnico. A instalação dos novos tubos começa a ser feita hoje e vai demorar três dias.

No início deste ano uma explosão provocada por vazamento de gás levou um homem à morte, informou o Corpo de Bombeiros. O fato ocorreu quando a vítima entrou em casa e, sem sentir o cheiro de gás, acendeu a luz. O gás, que já havia se espalhado pela casa, entrou em combustão e explodiu.